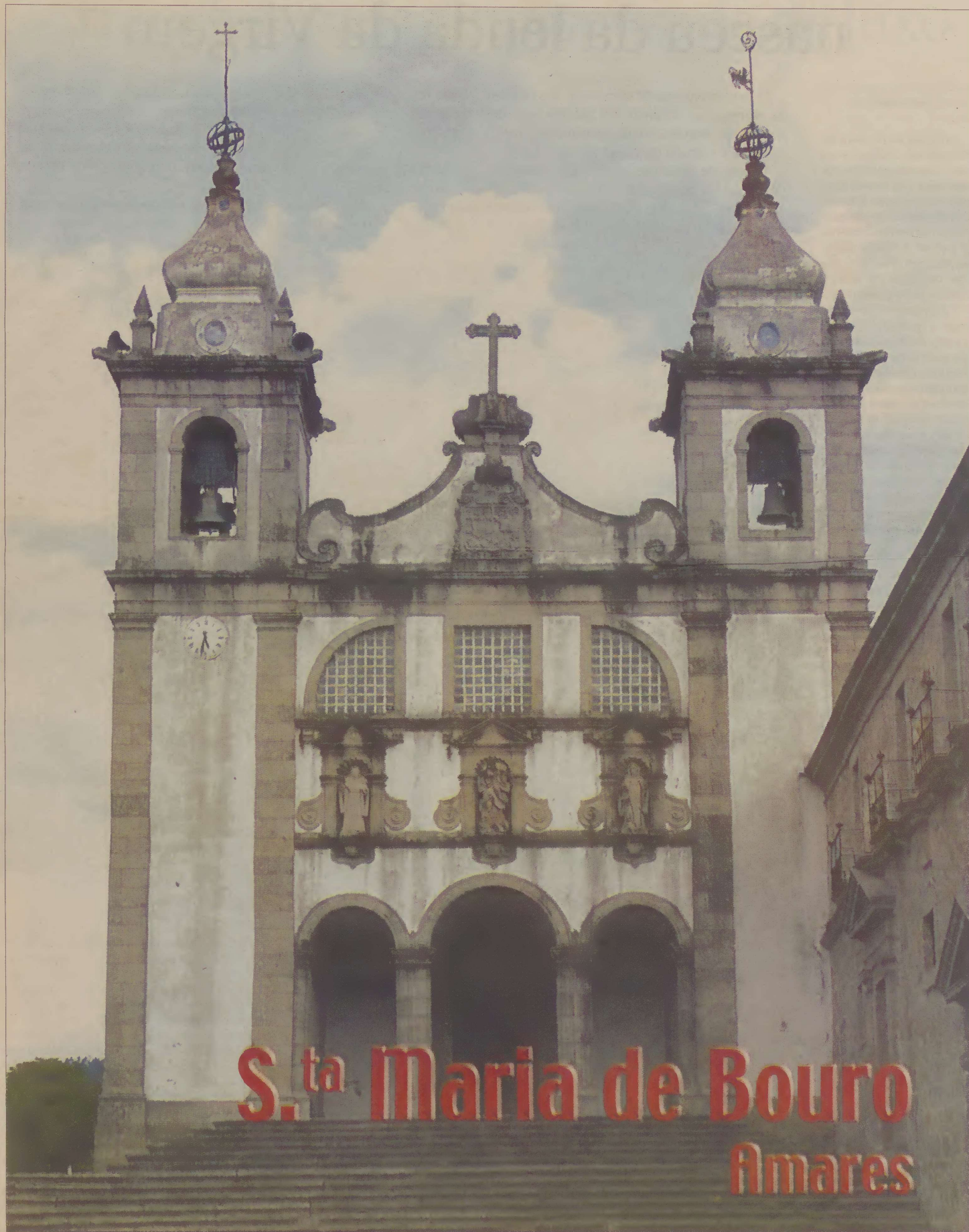


# Património

21

QUINTA-FEIRA  
16 de Setembro de 2004

Diário do Vinho



**S. ta Maria de Bouro  
Amares**



# Mosteiro de S.<sup>ta</sup> Maria de Bouro nasceu da lenda da Virgem

Francisco de Assis

A igreja do Mosteiro de Santa Maria de Bouro é um dos mais antigos templos nacionais e apresenta uma rica componente artística, arquitectónica e patrimonial. O monumento cresceu e ganhou dimensão nacional graças a doações e carinho dedicados por diferentes monarcas portugueses.

A origem do mosteiro, como a maioria dos monumentos da época, é envolta em actos miraculosos e tradições documentais. Um incêndio destruiu os documentos originais, dando asas à imaginação. Entre a lenda e a realidade, a tradição popular acredita que tudo terá começado com a chegada de dois eremitões beneditinos que, depois de alegadamente terem visto uma luz que anunciava uma imagem da Virgem debaixo de uma pedra, que teria sido escondida por outros anacoretas [religiosos que vivem isolados] no tempo das invasões muçulmanas, resolveram fazer ali uma pequena capela.

Uma pequena ermida que mais tarde viria a atrair muitos peregrinos, motivando, depois, a construção não só da Abadia, mas também do Mosteiro.

Lendas à parte, o registo mais antigo sobre o monumento refere-se a um documento da chancelaria de D. Afonso Henriques, datado de Outubro de 1162, que fala de uma pequena ermida que existia no local. Teria sido em 1148 que o primeiro rei de Portugal fez a doação do couto aos frades, sendo o abade D. Paio Nunes, quem teve influência decisiva nas lutas da reconquista.

Os primeiros eremitas vão agrupar-se segundo as regras de S. Bento, constituindo-se, em Mosteiro. Entretanto, segundo D. Maur Cocheril, na sua obra "Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal", antes do final do século XII, por volta de 1195, esta comunidade vai filiar-se na Ordem de Cister. Uma data que não coincide com a da página na Internet IPPAR, que diz que o mosteiro deixou a regra beneditina em 1156 e passou a reger-se pela de

O suplemento do "Património" do *Diário do Minho* está de regresso ao convívio dos leitores para mais uma temporada de divulgação do património histórico, artístico, religioso e cultural da nossa região.

Depois de estarmos em Braga, Guimarães, Barcelos e Póvoa de Lanhoso, a partir de hoje, o suplemento vai ser dedicado ao concelho de Amares. O lendário Mosteiro de Rendufe, o Mosteiro de Santa Maria de Bouro, igrejas com

interesse histórico e arquitectónico, capelas e casas históricas são alguns dos temas a tratar.

Recorde-se que a finalidade deste trabalho é divulgar a riqueza patrimonial, tendo em conta que as pessoas, de um modo geral, não conhecem os monumentos da sua terra.

Esta primeira edição é dedicada ao Mosteiro de Santa Maria de Bouro.



Vista geral da igreja e Mosteiro de Bouro

São Bernardo de Claraval, da Ordem de Cister.

Localizada numa região fértil, esta abadia prosperou-se rapidamente e depressa os seus responsáveis almejavam a cadeira abacial de Alcobaça, a principal comunidade da Ordem de Cister em Portugal. Curiosamente, tal pretensão teve o apoio de D. Sancho I.

Na sequência da crise 1383-85, em que Castela invade Portugal, o abade de Bouro, tomando partido do mestre d'Aviz, reúne cerca de 600 homens das suas terras e defronta as tropas

galegas na linha da fronteira com a Portela do Homem, vencendo-as.

Como reconhecimento do feito, o condestável Nuno Álvares Pereira, em nome do rei D. João I confere ao abade de Bouro, entre outras prerrogativas, o título de Capitão-mor e Guarda da Fronteira.

## Da glória à decadência

Durante muitos séculos, sucessivos monarcas apoiaram esta abadia, fazendo

frequentes doações, incluindo freguesias e a décima do sal. Mais tarde, D. Sancho I deu-lhe mais sete freguesias.

A relação entre a abadia e os reis era tal que o abade era escolhido pelo rei, no sistema de comenda. E terá sido esta promiscuidade que esteve na origem da decadência.

De facto, a partir do século XV e até finais do século XVI, os mosteiros entram em decadência, porque as abadias deixam de ter autonomia. Os bens passaram a ser geridos por

padres comendatários, que por sua vez estavam dependentes de um cardeal ou de um bispo.

Por ordens superiores, os mosteiros foram obrigados a reduzir o número de monges; e em 1533, o mosteiro tinha apenas sete frades e encontrava-se já em considerável estado de degradação como descreveu frei Cláudio de Bronseval, secretário do abade de Claraval, em visita ao mosteiro. «Quando nos aproximamos da porta junto a antigos muros arruinados encontramos um pátio com

casebres que mais pareciam pocilgas (...) quando subimos encontramos sete monges sem cogula (...) os monges habitam os casebres, misturados com irmãos leigos de ambos os sexos». «verdadeiramente Deus não está nesta casa», terá comentado o monsenhor.

No final do século XVI, os mosteiros são retirados das mãos dos comendatários e os abades escolhidos por cada comunidade religiosa. Com esta decisão, a pouco e pouco as casas religiosas recuperam o seu esplendor.



## Reconstrução da igreja teve influência do barroco joanino

Depois de tempos conturbados e de muita pobreza, no final do século XVI e inícios do século seguinte as abadias reconquistam a sua autonomia e retomam o caminho da prosperidade. Os novos tempos reflectem-se na grandeza das igrejas e dos conventos.

A igreja do convento de Santa Maria de Bouro, que estava em adiantado estado de degradação, foi praticamente reconstruída durante o século XVII, agora já sob a influência do estilo barroco joanino.

Da antiga igreja românica restou a cachorrada na fachada da igreja da face da estrada e pouco mais. Foi construída a vasta escadaria, tipicamente barroca, assenta num patamar que substitui o da igreja primitiva e desenvolve-se por um vasto frontão muito elevado, terminando por volutas, dominada por uma cruz, ladeada por duas torres quadradas.

As três figuras mais importantes do conjunto monástico estão representadas em pleno centro do nartex da igreja: Nossa Senhora da Assunção, que esteve na origem da construção do templo; São Bento, patrono dos beneditinos, fundadores do mosteiro; e São Bernardo, um dos principais responsáveis da divulgação da Or-



No frontal da igreja estão as figuras do Mosteiro

dem de Cister na Europa. No frontão da igreja estão também bem visíveis as armas de Portugal e as da congregação cisterciense.

A grande transformação da igreja deu-se já no século XVII, uma vez que o templo

estava em mau estado de conservação e aproveitou-se para fazer grandes obras de aditamento e melhoramento, onde a influência barroca é constante. Mas o século seguinte acabou por ser também de muitas intervenções tanto no templo, com a ampliação da igreja, incluindo a construção da capela-mor e remodelação da sacristia; como também na parte conventual, com obras na sala do capítulo e construção da cozinha e do refeitório.

De referir, no entanto, que, depois das grandes obras que transformaram o mosteiro num dos grandes monumentos da região, demonstrando vigor e crescimento da ordem cisterciense em Santa Maria de Bouro, veio a desgraça, o abandono, esquecimento e, como consequência, a decadência.

De facto, com a extinção das ordens religiosas, no decreto do ministro Joaquim António Aguiar, em 1834, os monges e os restantes habitantes dos conventos foram expulsos, o templo passou a ser uma simples igreja paroquial e o convento passou ao abandono, ten-

do sido, mais tarde, 1853, vendido em hasta pública.

### Mistura de estilos arquitectónicos

Não se pode conside-

rar que a igreja do convento de Santa Maria de Bouro tenha apenas um estilo arquitectónico. Com as diferentes intervenções e remodelações no deambular dos séculos, o templo foi sofrendo influências de estilo, tendo actualmente a

predominância barroca, tanto no interior como no exterior.

Do românico, resta a cachorrada no lado da estrada, uma pia de água benta antiga e pouco mais. Do barroco, destacam-se as grandes obras em cantaria no exterior e a capela-mor. Não é necessário ser experto para se distinguir as paredes das diferentes épocas construtivas. Pode-se também ver os vestígios de uma escada exterior que dava acesso ao órgão. A escada foi apeada pelo IPPAR e nunca mais ninguém subiu ao local. Recorde-se que o órgão que ali se encontrava está na igreja do Bom Jesus. São também visíveis os vestígios de uma antiga capela, igualmente destruída.

No interior, realce para as grandes estátuas em pedra, representando os quatro evangelistas e São Luís, rei de França.

Em termos arquitectónicos, os responsáveis do IPPAR descrevem o templo como sendo de arquitectura religiosa maneirista, barroca, com igreja de planta cruciforme, nave única precedida por galilé e com capelas intercomunicantes, transepto inscrito e capela-mor profunda.

O tecto está decorado com símbolos cistercienses.



Janela com símbolo Celta, é um dos vestígios antigos



A Igreja apresenta vários estilos arquitectónicos



# Grande riqueza decorativa e muita arte no interior da igreja

A igreja é toda ela linda e arquitectonicamente rica. No entanto, é no seu interior, particularmente na capela-mor que se concentra a grande riqueza decorativa. O monumental retábulo em talha dourada e o cadeiral são os dois elementos que deslumbram os visitantes.

O arco triunfal que dá acesso à capela-mor é decorado por um brasão com as armas reais e as da congregação em estilo rococó ou rocaille policromado.

O retábulo em talha dourada é qualquer coisa de fabulosa, num preciosismo de bom gosto e pleno de arte. A documentação existente não menciona o nome do seu autor e tão pouco a data precisa da sua execução. No entanto, é convicção do padre João Lopes de Sousa que pertence ao segundo período do século XVIII, como relata na sua brochura "Real Mosteiro de Santa Maria de Bouro".

Segundo o mesmo autor, os pilares, direitos e lisos, são decorados com «delicadas grinaldas de flores». De cada lado do altar dois anjinhos sustentam uma carranca sobrepujada por uma concha. «Sobre a base dos pilares e sobre as duas portas que dão acesso ao tabernáculo, uma original decoração feita de máscaras e carrancas denota influência da arte Indo-Portuguesa», escreve.



Imagem de Santa Maria de Bouro no topo do retábulo

Domingos Maria da Silva, autor do livro "Monografia do concelho de Amares" fala do «imponente altar-mor, todo doirado, com um rico reposteiro de Damasco floreado, do tempo dos frades», uma obra

que considera ser do século XVIII, do estilo D. João V.

Outros autores referem-se ao altar como sendo dos finais de seiscentos.

Entre outros elementos decorativos estão, tal como no frontão exterior, as três imagens principais do templo: São Bento, à esquerda e São Bernardo à direita, assentes em peanhas; e a imagem da Senhora da Assunção coroa com nobreza toda a obra de arte.

## Cadeiral com vida de S. Bento e S. Bernardo

Outra das belezas da capela-mor reside no grandioso cadeiral, onde estão esculpidos onze aspectos e passos da vida dos dois grandes monges S. Bento e S. Bernardo, respectivamente fundador dos beneditinos e abade do Mosteiro cisterciense de Claraval.

Trata-se de uma obra feita entre os finais do século XVII e inícios do século XVIII. No entanto, para Robert Smith, um dos maiores críticos de arte barroca, os relevos dourados são da segunda metade do século XVII e pertenciam ao cadeiral primitivo, e que sofreu profunda mudança no século XVIII, quando lhe foram acrescentadas duas filas de finíssimas cadeiras de pau-preto e o lambrequim joanino, em forma de seneffa, de castanho dourado.

Os especialistas admiram a qualidade artística dos painéis, mas sobretudo

porque são inéditos, retratando cenas similares da vida de S. Bernardo e de S. Bento. Assim, do lado direito, lado da Epístola, estão quadros esculpidos com a vida de S. Bento, nomeadamente recebendo o hábito, derrotando Totila, rei dos Godos, a morte, entre outros; enquanto que do lado do Evangelho, lado Esquerdo, pode-se ver S. Bernardo ao pé da Virgem, recebendo em Cister o hábito monástico e rejeitando as honras do mundo.

D. Maur Cocheril, autor da obra "Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal", regista duas particularidades do cadeiral: por um lado a inexistência de genuflexórios, nas cadeiras destinadas aos noviços; e por outro as "misericórdias", pequenas mísulas que sobressaem do cadeiral, e serviam para os monges se sentarem durante o ofício, mas davam a sensação de estarem de pé.

Ainda no interior, vale a pena percorrer o corpo da igreja, de cabeça levantada, não só para observar o tecto, mas também pelas muitas imagens, nomeadamente as estátuas dos quatro evangelistas e a de S. Luís rei de França e bem como as bonitas imagens dos vários altares.

A igreja tem também uma série de telas, alguns já nas mãos do IPPAR para recuperação e outras que continuam à espera de melhores dias.



O tecto está decorado com símbolos cistercienses



Passos da vida de S. Bernardo, no cadeiral



## Sacristia da igreja constitui um verdadeiro «mimo de arte»

Todos os monumentos têm o seu local ou locais nobres. No conjunto monástico de Santa Maria de Bouro, a capela-mor é um dos locais de eleição, não só pelo facto de estar ali o Santíssimo sacramento, mas também, como ficou claro na página anterior, pela qualidade artística e arquitectónica do retábulo e do cadeiral.

No entanto, porventura, é na sacristia que está o verdadeiro nicho de arte da igreja, uma mais valia para o templo, mas que infelizmente, poucas pessoas, designadamente turistas têm possibilidade de a visitar, uma vez que habitualmente está fechada.

«A sacristia, que se conserva em estado quase impecável, é a melhor, a mais admirável peça de todo o conjunto conventual; um verdadeiro mimo de arte, certamente único». Estas palavras são de Domingos M. Silva, autor da "Monografia do Concelho de Amares", e representa um pouco o sentimento geral daqueles que visitam o local.

Trata-se de espaço de planta rectangular, dividido em dois tramos por um pilar, onde descarregam



Os artísticos arcos suportam a estrutura decorada

dois arcos de volta perfeita, terminando numa elegante coluna, devidamente decorada com pintura antiga semelhante a frescos.

É no tecto que está a

maior beleza: apresenta-se em caixotões, com «delicadíssimos ornatos» e pinturas de fundo, com diferentes motivos simbólicos, designadamente sobre a natureza, folhagens, volutas e anjinhos; e uma série de versos bíblicos ou legendas em latim e alegorias sobre a vida de Nossa Senhora.

Um olhar desatento faz pensar que todos os caixotões são iguais, mas numa observação mais cuidada constata-se que cada caixotão policromado é um quadro diferente, cuidadosamente pintado. Curiosamente, é mais uma obra de autor desconhecido.

O mobiliário da sacristia é outro motivo de interesse. A toda a volta e encostado às paredes uma correnteza de gavetões de pau santo, com artísticos puxadores e encrustações de latão «esmeradamente trabalhado, assim como um riquíssimo contador encaixado na parede», descreve Domingos M. Silva.

Segundo o padre Carlos Lopes de Sousa, os adornos de bronze que decoram as gavetas são atribuídos ao artista Agostinho Marques.

### Azulejos na sacristia relatam lenda

A riqueza artística da sacristia não se fica por aqui. Para além dos adornos, vale a pena ver e apreciar a qualidade dos azulejos pintados possivelmente por

Teotónio dos Santos, com clara influência de P.M.P um dos melhores mestres na arte do azulejo.

Nos azulejos está contada a interessante lenda de Umbelina, a irmã de São Bernardo, o abade de Claraval.

Na brochura, "Real Mosteiro de Santa Maria de

Bouro", recolhida do padre Carlos, está descrita a lenda segundo a qual S. Bernardo conversa com a sua irmã Umbelina; depois recusa-se a recebe-la em Claraval, admoestando-a pelo traje luxuoso. Ao atravessar uma ponte no coche a caminho do Concílio de Pisa, o diabo aparece a importunar o santo. Este obriga-o a atirar-se ao rio. Mas depois, como vingança, o mafarrico quebra as rodas da "carroça". Por castigo, S. Bernardo obriga o diabo a servir-se de roda até ao fim do percurso.

Noutros quadros é possível ver a benção da taça e o milagre em que o santo afasta a água da chuva de um escriba que lhe está a escrever uma carta, e do respectivo pergaminho. O último quadro refere-se à conversão do duque Guilherme da Aquitânia.

Na sacristia havia ainda outras telas sobre a vida de Nossa Senhora.

Não se sabe bem a data da obra na sacristia, mas as pinturas no tecto devem ter sido feitas em 1715, a julgar por uma inscrição no local.

As crianças da catequese visitam com alguma frequência a sacristia. Além da beleza artística do local, é também um espaço de reflexão, como realçou o padre José Soares de Almeida, pároco de Santa Maria de Bouro.



O tecto é ricamente decorado



Azulejos do sec. XVIII, mostram o "mafarrico" no rio



# Obras de restauro do retábulo começam ainda este mês

As obras de manutenção e restauro do retábulo da tribuna da igreja devem começar ainda neste mês de Setembro, soube o *Diário do Minho* junto do padre José Soares de Almeida, pároco de Santa Maria de Bouro.

A empreitada foi adjudicada e um responsável da empresa que já contactou o sacerdote. Aliás, o início das obras estava previsto para Agosto. A intervenção consiste em desmontar parte do trono da tribuna e reforçá-lo com vigas novas, uma vez que há traves que estão completamente podres. Há locais que estão suportados por escoras de ferro para impedir a derrocada. Por isso, actualmente, a capela-mor está interdita aos fiéis e turistas, por razões de segurança. A par da intervenção, os técnicos do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) vão aproveitar os andaimes do restauro para fazerem uma limpeza geral da capela-mor.

Por outro lado, a igreja vai ganhar uma nova dimensão, uma vez que o altar vai regressar à origem, isto é, para mais próximo do retábulo, dando aos fiéis a possibilidade de



O retábulo é um dos locais a ser intervenido

estarem mais próximos do sacerdote. «Vamos tirar este mamarracho do meio porque está a destoar da beleza da igreja», comentou o Almeida.

Responsáveis do IPPAR chegaram a sugerir que

fosse arranjado um local de culto provisório enquanto duravam as obras, mas o sacerdote foi aconselhado a não permitir, porque isto poderia levar a atrasos nas obras. Assim, continua a haver missa dominical na igreja.

Segundo o pároco de Santa Maria de Bouro, estão previstas outras obras na igreja, mas desconhece exactamente o que se pretende fazer.

De resto, falta recuperar todas as dependências nas traseiras da igreja, onde vão funcionar salas para catequese e de reuniões, um salão polivalente, local de arrumos, para além da necessidade urgente de casas de banho. «Não é admissível que uma igreja como esta não tenha sanitários», disse.

Recentemente, um especialista esteve no local para fazer a cura das madeiras não só na igreja como também na bonita sacristia, designadamente por causa das formigas.

As obras estão avaliadas em 662 mil e 546 euros e são comparticipadas pelo Programa Operacional da Cultural, no valor de 495 mil e 686 euros.

## Espaço museológico em estudo

A igreja de Santa Maria de Bouro é conhecida por ter uma grande quantidade de imagens, algumas delas muito valiosas. No entanto, grande parte delas está fora do local de culto, "armazenados" em lugares escondidos.

No entanto, vale a pena dizer que o IPPAR pediu a uma empresa que fizesse o inventário das peças. Aliás, algumas imagens e outros objectos já foram para restauro e regressaram e outras continuam à espera.

Por isso, para fazer face ao problema, o padre Almeida pretende acondicionar o espólio num espaço museológico, a ser instala-

do em dependências junto ao coro alto, local, onde já estão algumas imagens embrulhadas em papel.

No entanto, o pároco reconhece que esse é o seu desejo, mas o projecto só avança se o IPPAR assim entender. «Nós podemos ter ideias, mas quem manda são eles», sentenciou.

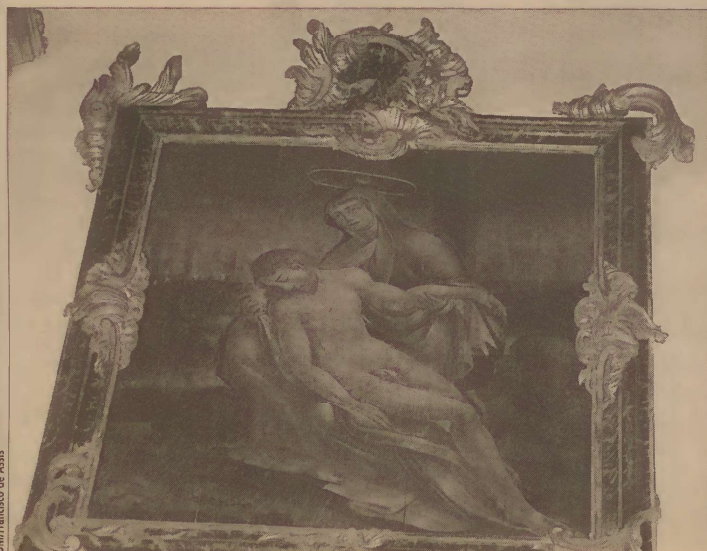
Em relação às telas existentes na igreja, o IPPAR já mandou recuperar algumas, mas há outras com buracos que precisam de intervenção urgente.

Sob a orientação da Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DRMN), a igreja de Santa Maria de Bouro sofreu obras de consolidação do telhado da nave, em 1970; reparação do arcaz e cobertura da sacristia, em 1978; em 82 houve reparação dos telhados da igreja e em 1986 houve obras de beneficiação, com recuperação dos revestimentos azulejares na sacristia, obras de carpintaria, reconstrução do telhado, entre outras. De 1992 a 1995, o IPPAR realizou obras de conservação, restauro das paredes exteriores e interiores e modernização dos sistemas sonoros e eléctricos.

A igreja de Santa Maria de Bouro celebra a sua festa anual no 1.º domingo de Agosto. Actualmente, o templo está fechado durante a semana. Só aos domingos é que o sacristão pode mantê-lo aberto algum tempo.



As carrancas fazem parte da decoração do trono



Este "Pietà" é um dos quadros já recuperados



## Antigas instalações conventuais transformadas em pousada de luxo

A Pousada de Santa Maria de Bouro, antigas instalações conventuais do mosteiro cisterciense, é hoje um local de referência não só como estabelecimento de restauração e hotelaria, mas também pelo bom gosto e qualidade do restauro.

Ao fazer o suplemento sobre a igreja do mosteiro, não poderia ficar de fora os antigos aposentos dos frades. E tal como a igreja, o convento teve altos e baixos, sendo construído em várias fases.

Embora não haja certezas, há historiadores, como o padre Arlindo Cunha, que pensam que a primeira residência dos frades terá sido onde está hoje a Abadia, ainda antes da nacionalidade; e só depois é que foi feito o mosteiro em Bouro, certamente depois da filiação dos beneditinos na Ordem de Cister. De facto, o convento de Bouro viria a aparecer pela primeira vez nas actas do Capítulo Geral da congregação em 1208.

No entanto, devido à boa localização geográfica e à fertilidade da região, o mosteiro cresceu rapidamente, ganhando importância a nível nacional e, sobretudo, protecção real, que foi fundamental na ascensão.

Depois do episódio na fronteira de Portela do Homem [ver página 22], os abades de Bouro passaram a ter funções militares, como fronteiros, por concessão de D. João I.

No século XVII, o mosteiro encontrava-se em muito mau estado, o que motivou obras de fundo. Mas é no século seguinte que a pousada ganha o actual formato, com a construção da cozinha, do refeitório, da sala do capítulo; e, para poente do claustro construiu-se um novo bloco, onde foi feita a nova entrada principal do mosteiro.



Fachada principal da Pousada de S. Maria de Bouro

teiro encontrava-se em muito mau estado, o que motivou obras de fundo. Mas é no século seguinte que a pousada ganha o actual formato, com a construção da cozinha, do refeitório, da sala do capítulo; e, para poente do claustro construiu-se um novo bloco, onde foi feita a nova entrada principal do mosteiro.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834, foi tudo abandonado, tendo sido posteriormente vendi-

do em hasta pública. Parte do convento foi adquirido pela Câmara Municipal de Amares.

Depois de desempenhar diversas funções e de estar abandonado, o novo rumo do edifício deu-se em 1980, quando foi proposta a sua utilização como pousada. Já nas mãos dos actuais proprietários, entre avanços e recuos, as obras de adaptação tiveram início em 1994, num projecto do arquiteto Eduardo Souto Moura.

### Projecto de recuperação preservou estilo

A Pousada de Santa Maria de Bouro é hoje, consensualmente, um importante empreendimento do conselho, não só pelo serviço em si, mas principalmente pelo facto de poder levar os visitantes e hóspedes a conhecer um pouco da história da região e não só.

De facto, o projecto de

recuperação levado a cabo por Souto Moura teve em conta a preservação, tanto quanto possível, de aspectos arquitectónicos e decorativos do antigo mosteiro; além da introdução de elementos característicos do concelho de Amares, onde não faltaram a laranjeira, a vinha e o olival.

Por exemplo, a antiga cozinha continua a desempenhar essa função, assim como o refeitório, introduzindo luxo à construção

antiga. O mesmo se pode dizer das antigas celas dos frades, hoje transformadas em 32 quartos de luxo.

O antigo lagar foi recuperado, outras dependências foram transformadas em locais de reuniões, conferências e exposições; apenas a sala do capítulo está subaproveitada.

Além da madeira e da pedra, o arquitecto usou novos materiais como ferro, o cobre, o aço, o vidro e o titânio, numa conjugação agradável à vista.

A recuperação do imóvel incluiu também a construção de novos equipamentos para os tempos modernos como piscinas, corte de ténis, salas de jogos, entre outras infra-estruturas.

Quem passar na estrada ou entrar no terreiro da pousada não deixa de reparar nas estátuas da fachada principal do edifício. Trata-se de figuras que de uma forma ou de outra estão ligadas à vida do Mosteiro. No primeiro nicho está a Sagrada Família, o que mostra a devoção que os cistercienses tinham a Nossa Senhora. A "identidade" da segunda estátua não é consensual, uma vez que está escrito D. Henrique, mas pensa-se que seja D. Afonso Henriques, enquanto duque, altura da construção do mosteiro. D. Sebastião, que suprimiu a comenda; o cardeal D. Henrique e D. João IV são as outras figuras que constam da fachada.



A antiga cozinha continua com as mesmas funções

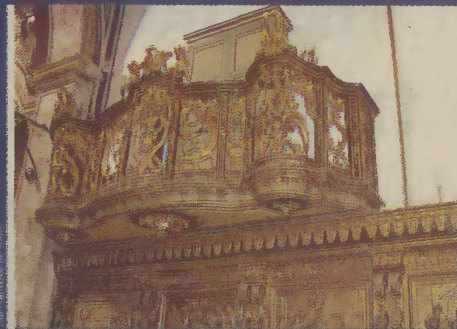


Estátua da Sagrada Família, na fachada





O projecto de recuperação da Pousada de Santa Maria de Bouro mereceu aplausos de todos. O autor, Eduardo Souto Moura, teve a preocupação de, além de fazer os equipamentos modernos, procurar elementos típicos do concelho, como o laranjal e o olival.

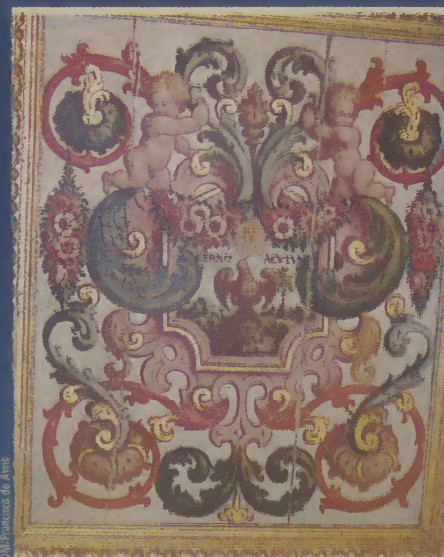


Este espaço está, actualmente, inacessível porque o IPPAR mandou deitar abaixo a escada que dava acesso ao órgão. Durante as nacionalizações, o órgão que ali estava desapareceu e mais tarde foi colocado no Bom Jesus do Monte, em Braga.



Esta estátua, na fachada principal da Pousada de Santa Maria de Bouro, é de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal. O Mosteiro teve sempre a protecção da realeza portuguesa, a começar por este.

Este monumental lavabo foi construído em 1718 e está no patamar à entrada das escadas que dão acesso às futuras instalações para catequese e salão multiusos. Há projectos para a sua recuperação.



Os caixotões do tecto da sacristia mostram uma grande riqueza decorativa. Ao contrário do que parece à primeira vista, cada caixotão tem os seus próprios desenhos e respectiva legenda.



Este quadro de azulejo na sacristia monumental representa São Bernardo a converter Guilherme de Aquitânia, rei dos Godos. O autor dos azulejos teve influência do conhecido mestre P.M.P.